

A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO¹

Isadora dos SANTOS

Patrícia TRONCO

Universidade de Passo Fundo

Resumo: O artigo reflete sobre conceitos advindos da Linguística Estruturalista. Assim, vamos estudar todas as formas de comunicação, sejam elas naturais ou convencionais, como é visto na teoria geral dos signos; e nos detendo na comunicação humana, estudada pela Linguística. Veremos também, através da análise do texto “Os nomes da criança”, de Cristovam Buarque, a construção do sentido linguístico da obra. Vamos relatar, assim, a importância do signo linguístico e suas características, cada uma devidamente explicada e aplicada ao seu papel no contexto.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

A Semiologia surgiu na Europa com Ferdinand Saussure. Para ele, Linguística não é senão uma parte dessa ciência geral. Enquanto “a Semiologia se preocupa em analisar todas as formas de comunicação, inclusive a dos animais, a Linguística se limita a analisar a linguagem humana” (SAUSSURE, 2006).

Signo linguístico é a união da imagem acústica (significante) com o conceito (significado). Conceito é a representação de um objeto mentalmente, enquanto imagem acústica não é material físico, mas a impressão psíquica. Portanto, signo é toda unidade dotada de um significado e um significante.

De uma forma geral, podemos identificar quatro formas de relação entre o signo e seu significado. A primeira relação é a natural, de causa e efeito. Nesta, o signo é causado pelo contexto. Podemos exemplificar dizendo que a fumaça é causada pelo fogo.

¹ Artigo redigido para apresentação no VII Seminário de Ensino de Línguas Estrangeira, III Seminário de Ensino de Língua Materna e VII Mostra de Materiais Didáticos.

Em segundo lugar temos a relação de semelhança, que é conceituada dizendo que o signo é semelhante ao contexto. Um exemplo a ser dado é o desenho que representa uma casa. Ele é um ícone em relação à casa que é representada.

Seguindo, temos a relação de abstração. O signo é uma abstração do objeto significado. A relação entre signo e contexto é que os dois têm características em comum. A balança é um símbolo da justiça. Ambas têm o equilíbrio como característica comum.

Finalmente vemos a relação de arbitrariedade. Diz que o signo é arbitrário em relação ao contexto. Uma placa de trânsito com um “E” cruzado indica proibição de parada. Especificamente vamos nos deter no signo linguístico.

O signo linguístico é arbitrário, e assim, cultural. Dizer que é arbitrário significa que ele não tem motivação, que não há semelhança entre o signo e seu significado, não existe sentido natural da junção de seu significado e significante.

Saussure propõe a existência de uma arbitrariedade absoluta e de uma arbitrariedade relativa. Vemos “maçã”, que por ser uma palavra primitiva é um exemplo de arbitrariedade absoluta (signo imotivado). Por outro lado, macieira, por ser uma palavra derivada de maçã, é um exemplo de arbitrariedade relativa (signo motivado).

A determinação dessa arbitrariedade é a convenção: quando há um acordo coletivo entre os falantes nativos, que estabelece que tal palavra representará tal coisa. Não cabe, então, a um só indivíduo fazer mudanças em quaisquer um dos signos até hoje conhecidos. Essas convenções nos possibilitam exercitar a língua nos indivíduos. A língua por si só é a estrutura da linguagem. Ao contrário da língua, a fala se constitui individualmente, formando um sistema ilimitado. Então, podemos afirmar que língua (virtualidade) e fala (realidade) estão interligadas. Nossa língua pode sofrer algumas alterações conforme se passam os anos, e o falante não tem consciência dessa sucessão dos fatos, por isso Saussure considera prioritário o estudo sincrônico. A Sincronia é o eixo das simultaneidades, no qual devem ser estudadas as

relações entre os fatos existentes ao mesmo tempo num determinado tempo do sistema linguístico que pode ser tanto no presente quanto no passado. A Diacronia divide-se em história externa (estudo das relações socioculturais e a evolução da língua) e história interna (evolução estrutural). Portanto língua será sempre sincronia e diacronia. Também como característica marcante do signo, temos a linearidade.

A linearidade se aplica em fonemas, sílabas, palavras, por serem emitidas em ordem linear. Nas línguas naturais, em que vemos a forma linear, cada som, cada palavra deve ser ditos separadamente. Temos de dizê-los um de cada vez, depois do outro e em espaços diferentes, seguindo uma sucessão linear. E assim, linearmente, damos sentido às nossas palavras.

Quando invadimos limites do animado e do inanimado, a linguagem nos permite que mudemos os significados das palavras. Um signo é aquele que expressa um significante. É então um signo denotado. Porém, quando mudamos um sentido, acrescentamos um significado, mantendo ainda um traço comum, uma relação entre esse segundo significado ao significante, temos um signo conotado.

A denotação é o sentido original, é o signo cujo plano de expressão é o signo. Já na conotação acrescentamos um segundo conteúdo que viola o primeiro, mas é preciso que haja uma ligação entre eles. Na conotação há dois mecanismos existentes que são a metáfora e a metonímia.

A metáfora é a soma de um sentido a outro, um exagero que se assemelha ao sentido denotado, quando vemos traços de intersecção entre eles. Como exemplo temos a frase: “Ainda estamos no tempo das cavernas.”. É uma metáfora pois não estamos no tempo das cavernas. Esta sendo feita uma relação com o “tempo de hoje”, há uma semelhança.

Já na metonímia, acrescentamos um significado a outro, existindo entre eles uma relação de interdependência, de contiguidade. A frase: “Eu uso Bom Bril.” é metonímia, pois eu uso esponja de aço e não Bom Bril, eu substitui o produto pela marca.

Em resumo, a metáfora se parece com tal coisa, enquanto a metonímia tem a ver com aquela tal coisa.

No estudo do funcionamento da língua tudo se prende a dois eixos: o sintagmático e o paradigmático.

A relação sintagmática é baseada na linearidade, por isso podemos excluir a possibilidade de pronunciarmos duas palavras ao mesmo tempo. Ela é toda a combinação de partes linguísticas na horizontal que formem um sentido. Desde a combinação dos fonemas, passando pelos morfemas, períodos ou qualquer outro nível linguístico, tudo que for dotado de sentido, que for compreensível, é sintagma.

Completando o sintagma, precisamos falar do paradigma. Este é visto como um banco de reservas da mente. É uma reserva natural da nossa língua, em que temos uma série de palavras, das quais escolhemos apenas algumas. São unidades que se opõem: enquanto uma é escolhida, as outras são descartadas. Vemos ainda que enquanto o sintagma é visto quando escrevemos e percebido quando falamos, o paradigma é virtual: não pode ser visto nem ouvido. Está presente só na mente, não precisando ser expresso.

2 PROCESSO METODOLÓGICO

Durante o trabalho de pesquisa lemos artigos sugeridos pela professora de Linguística, Marlete Diedrich, que enfatizavam as características da linguagem e mostravam os conceitos advindos da Linguística Estruturalista. Estudamos textos de Ferdinand Saussure, José Luiz Fiorin, Émile Benveniste e Antônio Jackson de Souza Brandão. Com base neles redigimos um artigo apresentando esses conceitos num determinado contexto.

3 APRESENTAÇÃO DE DADOS

Cristovam Buarque

Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque nasceu em fevereiro de 1944 em Recife (PE). É casado com Gladys Buarque e tem duas filhas. É filho de um

casal de classe média baixa. Quando estudante, trabalhava ministrando aulas particulares de física e matemática, especialidade que o fez optar pelo curso de Engenharia Mecânica, aproveitando o clima desenvolvimentista do país nos anos 50 e 60.

Em 2003, foi nomeado ministro da Educação do governo Lula. Sua atuação foi inspirada no amigo Darcy Ribeiro e em Leonel Brizola. Por causa de Brizola, em 1989, recusou-se a ser vice de Lula nas primeiras eleições depois da ditadura militar. Como ministro, alfabetizou mais de três milhões de pessoas em um ano - a primeira meta de sua administração, interrompida intempestivamente.

No Senado Federal, é chamado por seus pares como senador da educação, tendo em vista sua defesa intransigente da educação como o caminho para o desenvolvimento e a justiça social.

No Senado, Cristovam já presidiu a Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional, Comissão Mista de Controle das Atividades de Inteligência, Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa e Comissão de Educação, Cultura e Esportes.

Nas eleições de 2010, foi reeleito para o cargo de senador pelo Distrito Federal, com mandato até 2018.

Com base nos dados teóricos apresentados anteriormente, analisemos o texto “Os nomes da criança”, de 2008.

Os nomes da Criança

Os esquimós têm diversos nomes para indicar a neve. Para eles, cada tipo de neve é uma coisa diferente de outro tipo. Para os povos da floresta, cada mato tem um nome específico. Os habitantes dos desertos têm nomes diferentes para dizer “areia”, conforme as características específicas que ela apresenta. Para conviver com seu meio ambiente, cada povo desenvolve sua cultura com palavras distintas para diferenciar as sutilezas do seu mundo. Quanto mais palavras distinguindo as coisas que as rodeiam, mais rica é a cultura de uma população.

Os brasileiros urbanos desenvolveram sua cultura criando nomes especiais para diferenciar o que, para outros povos, seria apenas uma criança.

Para poder circular com segurança nas ruas de suas cidades, os brasileiros do começo de século 21 têm maneiras diferentes para dizer “criança”. Não se trata dos sinônimos de antigamente para indicar a mesma coisa, como “menino”, “guri”, “pirralho”. Agora, cada nome indica uma sutil diferença no tipo de criança. O português falado no Brasil é certamente o mais rico e o mais imoral dos idiomas do mundo atual no que se refere à definição de criança. É um rico vocabulário que mostra a degradação moral de uma sociedade que trata suas crianças como se não fossem apenas crianças.

Menino-de-rua significa aquele que fica na rua em lugar de estar na escola, em casa, brincando ou estudando, mas tem uma casa para onde ir – diferenciado sutilmente dos meninos-de-rua, aqueles que não apenas estão na rua, mas moram nela, sem uma casa para onde voltar. Ao vê-los, um habitante das nossas cidades os distingue das demais crianças que ali estão apenas passeando.

Flanelinha é aquele que, nos estacionamentos ou nas esquinas, dribla os carros dos ricos com um frasco de água em uma mão e um pedaço de pano na outra, na tarefa de convencer o motorista a dar-lhe uma esmola em troca da rápida limpeza no vidro do veículo. São diferentes dos esquineiros, que tentam vender algum produto ou apenas pedem esmolas aos passageiros dos carros parados nos engarrafamentos. Ou dos meninos-de-água-na-boca, milhares de pobres crianças que carregam uma pequena caixa com chocolates, tentando vendê-los mas sem o direito de sentir o gosto do que carregam para outros.

Sutis diferenças

Prostituta-infantil já seria um genérico maldito para uma cultura que sentisse vergonha da realidade que retrata. Como se não bastasse, ainda tem suas sutis diferenças. Pode ser bezerrinha, ninfeta-de-praia, nina-da-noite, menino ou menina-de-programa ou michê, conforme o local onde faz ponto ou

gosto sexual do freguês que atende. E tem a palavra menina-paraguai, para indicar crianças que se prostituem por apenas um real e noventa e nove centavos, o mesmo preço das bugigangas que a globalização trouxe de contrabando, quase sempre daquele país. Ou menina-boneca, de tão jovem que é quando começa a se prostituir, ou porque seu primeiro pagamento é para comprar a primeira boneca que nunca ganhou de presente.

Delinqüente, infrator, avião, pivete, trombadinha, menor, pixote: sete palavras para o conjunto da relação de nossas crianças com o crime. Cada qual com sua maldita sutileza, conforme o artigo do código penal que cabe, a maneira como aborda suas vítimas, o crime ao qual se dedica...

Podem também, no lugar de crianças, serem boys, engraxates, meninos-do-lixo, recicladores-infantis, de acordo com o trabalho que cada uma delas faz.

Ainda tem filhos-da-safra, para indicar crianças deixadas para trás por pais que emigram todos os anos em busca de trabalho nos lugares onde há empregos por bóias-fria, nome que indica também a riqueza cultural do sutil vocabulário da realidade social brasileira. Ou os pagãos-civis, vivendo sem registro que lhes indique a cidadania de suas curtas passagens pelo mundo, em um país que lhes nega não apenas o nome de criança, mas também a existência legal.

Criança-triste

Como resumo de todos estes tristes verbetes, há também criança-triste: não se refere à tristeza que nasce de um brinquedo quebrado, de uma palmada ou reprimenda recebida, ou mesmo da perda de um ente querido. No Brasil há um tipo de criança que não apenas fica ou está triste, mas nasce e vive triste – seu primeiro choro mais parece um lamento pelo futuro que ainda não prevê do que um respiro no novo ar em que vai viver, quando pela primeira vez o recebe em seus diminutos pulmões.

Criança-triste, substantivo e não adjetivo, como um estado permanente de vida: esta talvez seja a maior das vergonhas do vocabulário da realidade social brasileira. Assim como a maior vergonha da realidade política é a falta de tristeza no coração de nossas autoridades diante da tristeza das crianças brasileiras, com as sutis diversidades refletidas no vocabulário que indica os nomes da criança.

A sociedade brasileira, em sua maldita apartação, foi obrigada a criar palavras que distinguem cada criança conforme sua classe, sua função, sua casta, seu crime. A cultura brasileira, medida pela riqueza de seu vocabulário, enriqueceu perversamente ao aumentar as palavras que indicam criança. Um dia, esta cultura vai se enriquecer criando nomes para os presidentes, governadores, prefeitos, políticos em geral que não sofrem, não ficam tristes, não percebem a vergonhosa tragédia de nosso vocabulário.

Quem sabe não será preciso que um dia chegue ao governo uma das crianças-tristes de hoje, para que o Brasil torne arcaicas as palavras que hoje enriquecem o triste vocabulário brasileiro e construa um dicionário onde criança... seja apenas criança.

a. Análise dos dados

O autor se apoia no princípio da influência cultural sobre a língua. Podemos afirmar que assim como a neve é vista de uma forma diferente em cada lugar, cada cultura também usa e desenvolve a língua conforme as suas necessidades em relação à realidade existente em cada lugar.

O conceito de signo linguístico está presente em vários momentos do texto, como quando diz: “meninos-de-rua”. Ele usa o signo para representar aquele ser, que não pode mostrar. Essa é a função do signo, a representação da realidade.

Sabemos que o signo associa uma imagem acústica a um conceito. No texto, o autor denuncia o fato de ‘criança’ ser corrompida na sociedade, pelo fato de analisarmos a criança não como simples criança, mas pelo ponto de vista social, de acordo com o que ela faz na sociedade, como se comporta e

como vive. É uma significação arbitrária.

Vemos arbitrariedade em qualquer texto que fôssemos ler. Todos os signos aqui representados têm suas palavras escolhidas por convenção. Não podemos simplesmente estabelecer “Isso chamaremos de Flanelinha”, sem mencionar o fato de que as palavras aqui escritas não têm nenhuma relação de semelhança com seus significados.

Mencionando a linearidade, vemos que o texto se segue em linhas. Do mesmo modo que falamos, temporal e espacialmente, também assim, dispomos as palavras de um texto. Elas precisam estar dispostas em linhas, uma de cada vez, para que encontremos o sentido do todo. É essa a relação sintagmática que é baseada na forma linear do signo linguístico, que apaga a possibilidade de escrever dois elementos ao mesmo tempo.

No texto essa relação de sentido se encontra nos diferentes nomes que designam a criança. Utilizam palavras como “meninas-paraguai”, para descrever meninas que vendem seu corpo por valores baixos como os produtos do determinado lugar. Relacionam uma palavra para dar sentido a outra.

Sabemos que paradigma é nossa reserva de palavras. Vemos nos signos “menino-na-rua” e “menino-de-rua”, que o autor usa as expressões ‘na’ e ‘de’ para especificar as classes em que se encontram essas crianças. Foram escolhas que excluem outras possibilidades, o que caracteriza o paradigma.

Cristovam redige um texto basicamente denotado, com palavras de sentido original. Somente quando cita as várias designações para as crianças é que ele utiliza expressões conotadas. Para caracterizar essas expressões, aplica metáfora e metonímia em suas palavras. Vemos metáfora, por exemplo, quando o autor fala “menina-boneca”. Ele não está realmente dizendo que a menina é uma boneca, mas que tem um valor parecido à palavra designada. Ela é uma menina delicada, inocente, que ainda não tem a mente capaz de distinguir certas situações.

4 CONCLUSÃO

Temos, por fim, definido que o signo linguístico é a base da nossa língua. O seu estudo mais aprofundado faz com que compreendamos seu uso e função em nossa linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, Émile. Problemas de Linguística geral I. Campinas: Pontes, 2005.

FIORIN, José Luiz. Introdução à Linguística. São Paulo: Contexto, 2002.

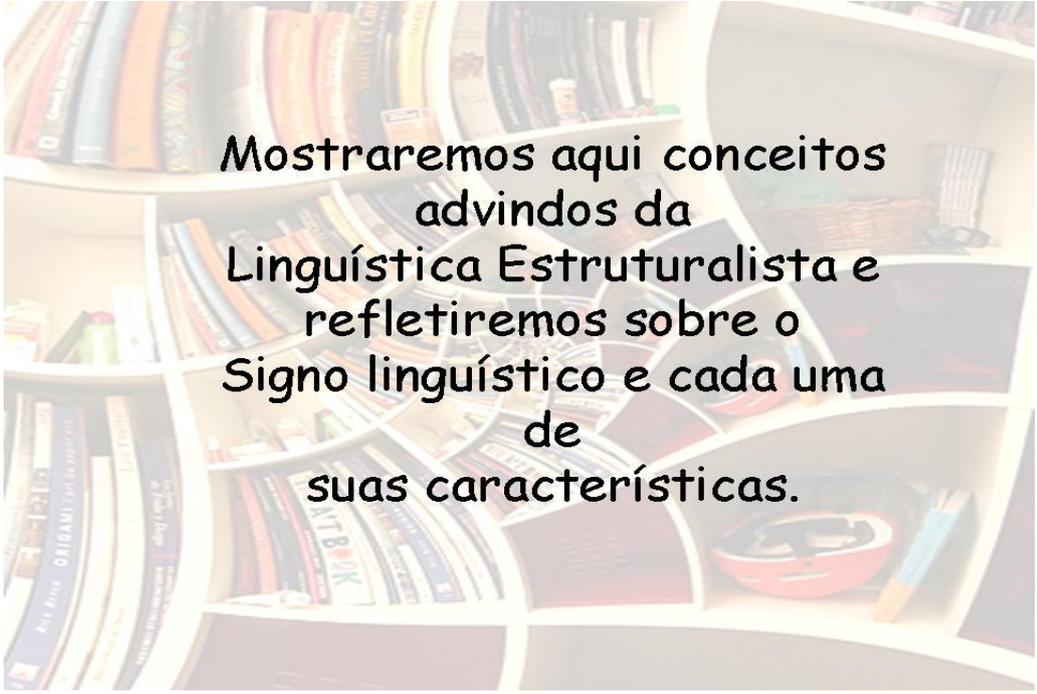
SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Linguística geral. São Paulo: Cultrix, 2006.

4 ANEXOS

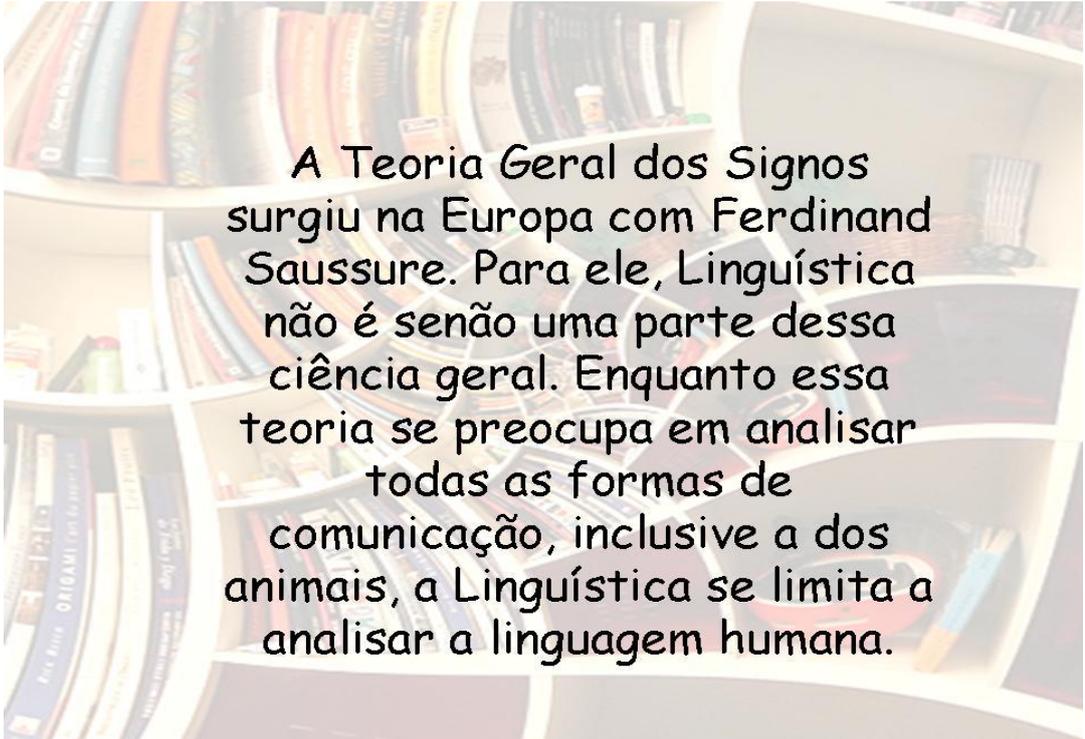
7.1. Slides da apresentação



A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO



Mostraremos aqui conceitos advindos da Linguística Estruturalista e refletiremos sobre o Signo linguístico e cada uma de suas características.

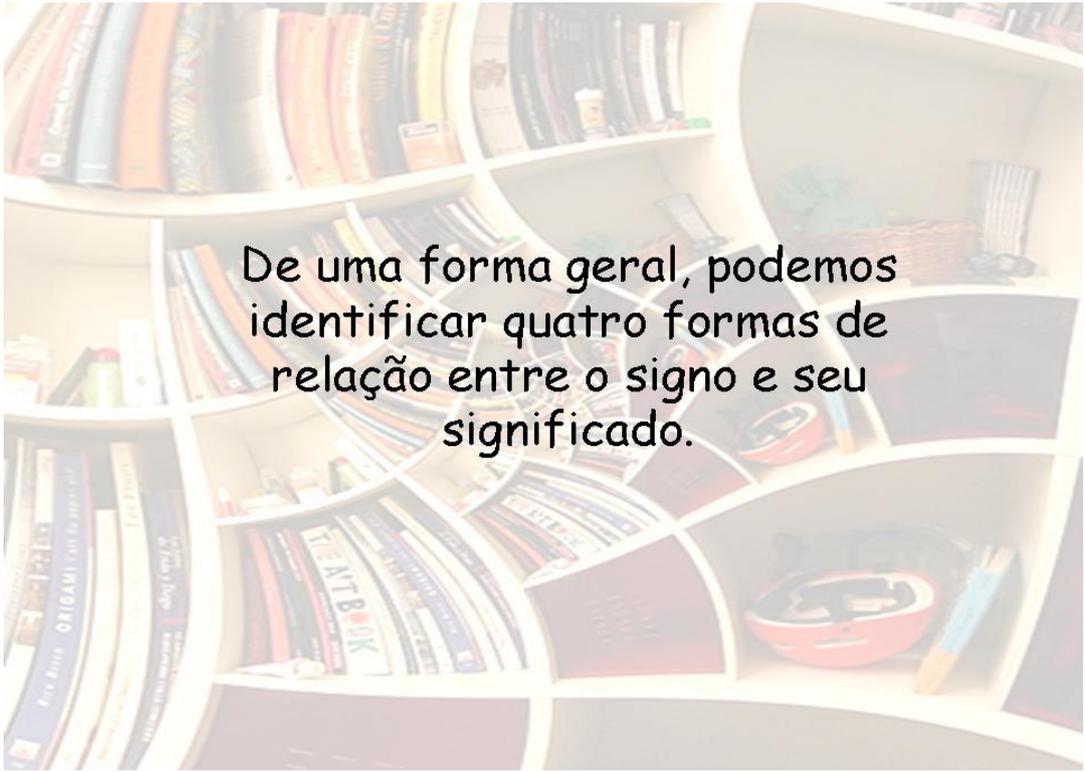


A Teoria Geral dos Signos surgiu na Europa com Ferdinand Saussure. Para ele, Linguística não é senão uma parte dessa ciência geral. Enquanto essa teoria se preocupa em analisar todas as formas de comunicação, inclusive a dos animais, a Linguística se limita a analisar a linguagem humana.



->Signo Linguístico<-

Imagem acústica + Conceito
(significante) (significado)



De uma forma geral, podemos identificar quatro formas de relação entre o signo e seu significado.



Relação Natural
Causa e efeito

- O signo é causado pelo contexto.

- Relação de semelhança
- O signo é semelhante ao contexto.

Relação de abstração

- O signo é uma abstração do objeto significado.

Relação de arbitrariedade

- O signo é arbitrário em relação ao contexto.

Características do signo linguístico:

- Arbitrariedade
- Linearidade
- Denotação e Conotação
- Sintagma e Paradigma

Arbitrariedade

É o que mostra que não há motivação, que não há semelhança entre o signo e seu significado, não existe sentido natural da junção de seu significado e significante.

Linearidade

Nas línguas naturais, em que vemos a forma linear, cada som, cada palavra deve ser ditos separadamente. Temos de dizê-los um depois do outro e em espaços diferentes, seguindo uma sucessão linear.

Denotação e Conotação

Quando invadimos limites do animado e do inanimado, a linguagem nos permite que mudemos os significados das palavras. Um signo é aquele que expressa um significante. É então um signo denotado. Porém, quando mudamos um sentido, acrescentamos um significado, mantendo ainda um traço comum, uma relação entre esse segundo significado ao significante, temos um signo conotado.

Metáfora e Metonímia

A metáfora é a soma de um sentido a outro, um exagero que se assemelha ao sentido denotado, quando vemos traços de intersecção entre eles. Já na metonímia, acrescentamos um significado a outro, existindo entre eles uma relação de interdependência, de contiguidade.

Sintagma e Paradigma

Sintagma é toda a combinação de partes linguísticas na horizontal que formem um sentido. Enquanto o paradigma é uma reserva natural da nossa língua, em que temos uma série de palavras, das quais escolhemos apenas algumas.

Temos, por fim, definido que o signo linguístico é a base da nossa língua. O seu estudo mais aprofundado faz com que compreendamos seu uso e função em nossa linguagem.



Referências bibliográficas:

BENVENISTE, Émile. Problemas de Linguística geral I. Campinas: Pontes, 2005.

FIORIN, José Luiz. Introdução à Linguística. São Paulo: Contexto, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Linguística geral. São Paulo: Cultrix, 2006.